

ARTICULANDO TEÓRIAS PEDAGÓGICAS À PRÁXIS: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL PELO LICENCIANDO EM PEDAGOGIA

Simone Silva Cunha¹
monescunha@gmail.com
UNINTER

RESUMO

O presente trabalho apresentará a busca da articulação entre teoria e prática, ao relatar as experiências vivenciadas por esta pesquisadora, no estágio supervisionado em docência na educação infantil e que foi a temática de seu trabalho de concurso de curso. O objetivo do Estágio Supervisionado Docência nessa modalidade de ensino caracteriza-se em favorecer o intercâmbio entre teorização e prática, no processo formativo do pedagogo. A compreensão desse período se converte em um espaço concreto de aprendizagem, integrando estudos teóricos que se aproximem sucessivamente da realidade e possibilitem análises e avanços, como instrumento imprescindível de socialização do pedagogo com o contexto escolar, além de articulação entre os saberes docentes e discentes, tão necessários a práxis cotidiano desse profissional. O local de estudo foi uma escola privada no município de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, onde durante o período de um mês foi possível estagiar em uma turma de educação infantil com idade de 4 a 5 anos. Para tanto, utilizou-se como metodologia do estudo de caso (SARMENTO, 2003), tendo como principais instrumentos para a produção e coleta de dados: análise documental, observação participante e os registros em caderno de campo. Concluiu-se que o estágio supervisionado é um fator positivo na formação acadêmica do pedagogo, haja visto que é possível vivenciar os pressupostos teóricos aplicados na real práxis docente.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado; Educação Infantil; Pedagogia

1. INTRODUÇÃO

Ponderações sobre estágios supervisionados durante curso voltado para a formação do Pedagogo, principalmente aquele que se voltam para a formação profissional para atuação no segmento da Educação Infantil, se fazem iminentes no contexto educacional atual. A Educação Infantil atualmente vem se caracterizando por um cenário de maior destaque e também de algumas mudanças em sua trajetória institucional de atendimento às crianças desde o assistencialismo até à função educacional. Diante disso, mesmo com os avanços obtidos a partir da Constituição de 1988 e as promulgações de leis como a LDB de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), muitos são, ainda, os desafios pelo qual a educação infantil tem enfrentado.

Compreender que esse período se converte em um espaço concreto de aprendizagem, integrando estudos teóricos que se aproximem sucessivamente da realidade e possibilitem análises e avanços, é algo desejável em todos os objetivos de estágio que são construídos. Para Oliveira (2002, p. 23),

¹ Pedagoga – Segunda Licenciatura do Centro Universitário Internacional UNINTER – Polo Petrópolis.

É tarefa urgente repensar a formação profissional de todos os que trabalham com crianças até 6 anos em creches e pré-escolas. A inclusão da creche no sistema de ensino acarretou uma série de debates sobre o que é a função docente e como preparar professores com perfis que respondam mais adequadamente à diversidade de situações presentes na educação de crianças, desde o nascimento, em instituições educacionais [...] e despertam para a necessidade de modificações na formação docente.

Porém, sabe-se que tomar essa ideia como princípio não significa a materialização da mesma. De acordo com Almeida e Silva (2011, p.175):

É necessário um suporte teórico, metodológico e legal que confira ao currículo do curso a relação dialética entre teoria e prática e que se expresse na organização do trabalho docente.

Concordamos que os estágios no curso de Pedagogia são importantes, e porque não dizer, essenciais para a formação do Pedagogo. No entanto, cabe analisar as formas como as escolas, colégios e demais instituições de ensino estabelecem suas relações com as comunidades em que estão inseridas. Freitas (1996) e Pimenta e Guedin (2005) nos trazem reflexões sobre ao assunto, quando nos dizem que há uma diversidade de “mundos” do trabalho, e assim sendo, o campo de pesquisa para o estagiário de Pedagogia se amplia, haja visto que os diversos espaços escolares irão favorecer uma observação e registros mais enriquecedores pelas práxis dos profissionais que nesses espaços trabalham, numa aproximação maior entre teorias e práticas.

De acordo com o Parecer CNE/CP 05/2005 e a Resolução CNE/CP 01, de 15 de maio de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, este deve formar o professor para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Uma das formas de possibilitar o desenvolvimento e o acesso a tais conhecimentos é por meio do estágio supervisionado, que como dito anteriormente é uma das atividades pela qual é possível estabelecer a relação teoria e prática no processo de formação inicial do professor.

Formar profissionais qualificados e a meta das instituições de ensino, no entanto, para que de fato almeje-se esta prioridade, muitas mudanças precisam acontecer, pois da forma como se consagra a maioria dos currículos (primeiro a teoria como embasadora e posteriormente a prática para confirmar a teoria) fica evidente a denotação de uma formação teórica e o desprestígio da prática, resultando em uma formação comprometida.

Além disso, os estudos de Pimenta e Lucena (2008) demonstram que, a licenciatura tem como papel desenvolver nos futuros professores, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores que lhes permitam elaborar permanentemente seus saberes docentes, através das realidades de ensino vivenciadas. Mas, formar professores competentes, dominadores de conhecimentos, responsáveis, autônomos frente a sociedade vivente e, ainda hoje, os desafios das universidades. Imbernon (2000, p.41) considera que a formação inicial como tem acontecido,

não oferece preparo suficiente para aplicar uma nova metodologia, nem para aplicar métodos desenvolvidos teoricamente na prática da sala de aula. Além disso, não se tem a menor informação sobre como desenvolver, implantar e avaliar processos de mudança. E essa formação inicial é muito importante já que é o início da profissionalização, um período em que as virtudes, os vícios, as rotinas etc., são assumidos como processos usuais da profissão

Ainda segundo Imbernon (2000), cabe ao curso prolongar experiências interdisciplinares e investigações voltadas à cultura escolar, que enalteilam a percepção da

heterogeneidade do ato educativo e da aquisição dos saberes necessários ao ensino e a pesquisa. Para tanto, compete a licenciatura assegurar aos futuros professores um contato frequente com as escolas, além de realizar trabalhos de parceria com a mesma, favorecendo a percepção da reflexão como atitude que influencia as crenças e práticas.

Defende Buriasco (2002), que nas licenciaturas, a relação teoria e prática deveria ser dada por um ir e vir, da observação sistemática de situações escolares até a participação ativa no manejo dessas mesmas situações, no movimento constante Teoria – Pesquisa – Prática.

Diante do exposto, pensar a formação inicial do Pedagogo implica, principalmente, pensar estágio supervisionado, uma vez que ele é a porta para o contato efetivo com a prática, anteriormente teorizada nos bancos da universidade. A palavra estágio, de acordo com os dicionários Aurélio (1997) e Houaiss (2001), significa aprendizado; exercício e prática; período de prática que precede certas profissões, podendo sinalizar uma situação efêmera e de preparação.

O Estágio Supervisionado tem por objetivo principal propor um vínculo real a relação teoria e prática, pois o conhecimento acadêmico encontra uma aplicabilidade nas atividades da sala de aula, dessa forma a práxis realmente ganha sentido ao atingir seu objetivo maior, ou seja, o conhecimento teórico dando sustentação para a prática, e, por conseguinte promovendo um melhor ensino e aprendizado para todos os envolvidos nesse processo. Para Saviani (1997, p.17):

o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Quando o Pedagogo é levado a trabalhar os conteúdos e as atividades do estágio no campo de seu conhecimento específico, há uma abertura para que possam ser percebidos que os problemas e possibilidades de seu cotidiano serão debatidos, estudados e analisados à luz de fundamentação teórica que trouxe dos estudos já realizados na universidade, sendo este um momento para repensar a prática educativa como afirmado por Pimenta e Lucena (2008, p.139):

O estágio para os professores-alunos que já exercem o magistério tem seu sentido e significado a partir da natureza do trabalho docente, que requer constante revisão das práticas, no sentido de tornar o professor um sujeito que constroem conhecimentos, com capacidade de fazer análise de sua prática fundamentada em um referencial teórico que lhe permita, como resultado, a incessante busca de educação de qualidade e as escolas será sempre o ponto de partida e de chegada aos estágios e nas ações de formação contínua de professores.

Ainda nos referendando em Pimenta e Lucena (2008, p.103), estas autoras afirmam que “estágio como reflexão das práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na área docente”. Para os professores atuantes e com experiência o estágio pode ser entendido como um espaço para reflexão sobre sua própria prática e assim sendo,

o estágio se configura, para quem já exerce o magistério, como espaço de reflexão de suas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de ressignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimentos. (PIMENTA; LUCENA, 2008, p.129).

Destarte, o estágio é responsável pela “inserção no campo da prática profissional”, onde “os saberes da ação docente se constituem para cada professor, num processo que mobiliza, ressignifica e contextualiza os saberes e os valores adquiridos ao longo da vida estudantil, familiar e cultural” (FIORENTINI; CASTRO, 2003, p.125). Acreditamos, portanto, que a fase de preparação para a docência do pedagogo proporcionada pelos estágios supervisionados é fértil, no sentido de permitir reflexões e debates com a classe e com os professores regentes, mediados pelos estudos teóricos na instituição estagiada.

Mas, não podemos deixar de frisar que tal aproximação do futuro pedagogo com o professor regente não se engendra apenas em observar a aula e o modo de conduzir uma sala de aula; cabe um aprofundamento no (re)conhecimento da pessoa do professor regente e suas raízes, seu ingresso na profissão, sua inserção no coletivo docente, como conquistou seus espaços e como vem construindo sua identidade profissional ao longo dos anos de docência. Tais dados podem acrescentar ao pedagogo novas perspectivas em sua atuação e, mais ainda, uma reformulação de ideias e ideais sobre a docência no magistério.

Para Franco (2003, p.07):

Há algo a ser aprendido pelos futuros professores no ambiente escolar, mas que não se ensina, pelo contrário, deve ser vivenciado no dia-a-dia de cada escola, de cada sala de aula. [...] Cabe, porém, uma parcela de responsabilidade, e não de “culpa”, a todos que estão diariamente em contato com a situação de ensino, seja Na escola ou na universidade no sentido de tornar claros os propósitos desta prática.

O estágio supervisionado então, para o aluno do curso de Pedagogia, serve como instrumento para que este possa construir suas práxis pedagógica, ou seja, possibilita ao licenciando compreender as relações existentes no processo de constituição escolar e analisá-las de forma crítica, criando possibilidades e conexões para que em seu trabalho futuro estabeleça transformações para que a escola venha a desempenhar sua função educativa da melhor forma possível.

Diante do exposto, esse trabalho apresentará a busca da articulação entre teoria e prática, ao relatar as experiências vivenciadas por esta pesquisadora, no estágio supervisionado em docência na educação infantil realizado durante o mês de abril, em uma escola da rede privada no município de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro. Assim sendo, o objetivo do estágio supervisionado caracterizou-se em buscar favorecer o intercâmbio entre teorização e prática, no processo formativo em Pedagogia (PIMENTA; LUCENA, 2008).

2. OS CAMINHOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Para Gomes (2009), ao observar a prática de um educador, invariavelmente diferente de um lugar para outro, por exemplo, o estagiário precisa ter condições de apreender a(s) teoria(s) que a sustenta(m) e poder realizar uma leitura pedagógica para além do senso comum, tendo como base teorias e fundamentos estudados e confrontados com as situações da prática profissional para a produção de alternativas e de novos conhecimentos. Estamos referindo-nos às práxis, “à capacidade de articular dialeticamente o saber teórico e o saber prático” (GOMES, 2009, p.75).

Não é fácil olhar para nossa prática com outros olhos. Por isso, quando a etapa do estágio supervisionado em Educação Infantil se concretizou, optamos pela escolha de uma escola privada, pois precisávamos ampliar nossas visões a partir do referencial teórico estudado no curso de licenciatura, já que em nossa primeira experiência na graduação não tivemos o contato com essa etapa de ensino, e porque nossa própria práxis em docência está vinculada há muitos

anos em trabalhar na rede pública do Rio de Janeiro e assim, para além do senso comum que as perspectivas e leis nos forneciam de conhecimentos e saberes, desejávamos desenvolver e exercitar o olhar também de pesquisadora.

A escola em que estagiamos é composta de dois turnos, onde são alocadas as turmas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental e fica situada em um bairro de classe social médio-baixa, no 2º Distrito de Duque de Caxias considerado com Zona Urbana, e é vizinho de grande área Rural desta mesma municipalidade, o que faz sua clientela ser mista em seus costumes, seus valores e condição social e financeira. O estágio com Educação Infantil foi apenas no período da tarde, por haver apenas uma turma dessa etapa de ensino na instituição estagiada.

Sua infraestrutura é composta por: 01 (uma) secretaria, 01 (uma) pequena cantina, 04 (quatro) salas de aula, refeitório adequado para serem feitos os lanches, 02 (dois) banheiros para o corpo discente, um feminino e um masculino apropriados para idade/série com dois sanitários, divisórias e lavatório em cada um; play com brinquedos que não oferecem perigo aos alunos, 01 (um) pátio externo coberto e lavatório para escovação, chuveiro para banho e 01 (um) banheiro para os funcionários em geral (separadamente dos infantis), uma sala de vídeo e uma brinquedoteca juntamente com uma pequena biblioteca e sala de informática.

Para o desenvolvimento do estágio, utilizou-se como metodologia do estudo de caso (SARMENTO, 2003), tendo como principais instrumentos para a produção e coleta de dados: análise documental, observação participante e os registros em caderno de campo. A fase inicial se constituiu num exame da literatura e na revisão dos estudos relacionados ao estágio supervisionado para licenciandos em Pedagogia (ALMEIDA; SILVA, 2011; GOMES, 2009; IMBERNON, 2000; PIMENTA; LUCENA, 2008) e foram estruturados em forma de apontamentos relevantes nos trabalhos que subsidiassem o estágio em campo que foi realizado.

Dentro desses norteamentos, a fase de leitura dos documentos que norteiam o trabalho pedagógico da escola em que estagiamos foi um ponto positivo para entender como se constituem as bases de todo trabalho que é desenvolvido e os pressupostos teóricos que o norteiam. As atividades de Educação Infantil nessa instituição partem dos pressupostos da teoria sociointeracionista de Vygotsky.

A teoria sociointeracionista de Vygotsky (1996) possui a peculiaridade de elevar a importância da intervenção das outras pessoas no processo de desenvolvimento de cada sujeito, na medida em que este se relaciona com o mundo humano, com a cultura deste outro social. Tal intervenção é cultural porque o sujeito aprende nesse momento a estrutura formada pela cultura do mundo que se desenvolve, de forma plena, enquanto interage com as informações advindas da intervenção. Outro aspecto da teoria é que a intervenção ativa das pessoas define os rumos do desenvolvimento do sujeito. Quando a intervenção pedagógica ocorre na promoção do desenvolvimento de cada indivíduo este tem experiências de aprendizagem. O sujeito depende dessa intervenção para se desenvolver adequadamente nos rumos da cultura a qual está inserido entende como adequados para o desenvolvimento. Nesse sentido, a escola é o *locus* cultural por excelência para realizar tal intervenção pedagógica com o objetivo de definir os rumos de desenvolvimento da sociedade que preza pela educação. A intervenção pedagógica promovida pela escola é essencial na definição do desenvolvimento do sujeito.

Tivemos oportunidade de ver a teoria explicitada em prática, ao participar das atividades colaborando e estimulando os pequenos a aprender de forma divertida nos momentos de interação com colegas e com a professora regente, onde o processo de desenvolvimento envolvia o cognitivo, o afetivo, o social e o intelectual. Os alunos seguiam uma rotina diária a saber: chegavam à escola e, com o auxílio da ajudante, guardavam seus lanches em espaços apropriados. Fazia-se a rodinha para a música de estimulação inicial e após o término da mesma,

era feita a leitura de um livro cuja temática atrelava-se a atividade que seria desenvolvida no dia.

A sala de educação infantil também favorecia a essa proposta sociointeracionista que a escola tinha como pressuposto: havia 4 (quatro) mesas com 4 (cadeiras), sendo a distribuição dos alunos realizada de acordo com o tamanho das crianças. Possuía um amplo espaço, com 2 (duas) janelas, 1 (um) espaço com brinquedos, 1 (um) espaço com livros paradidáticos (frequentemente lidos para os alunos, atividade que depois de alguns dias de reconhecimento do espaço, suas regras e rotina tivemos a oportunidade de realizar e na realização dessa interação, percebemos o quanto os alunos, mesmos tão pequenos, já demonstravam atenção e curiosidade para ouvir as histórias que eram lidas para eles). Desse modo, concordando com Junqueira Filho (2011, p.142):

É importante criar e garantir na rotina em que as crianças e sua professora ou adulto responsável pelo grupo leiam e escrevam, explorando as relações entre a utilização da linguagem escrita com a organização do mundo em que vivem.

Nos momentos de estimulação para as atividades em que observamos, vimos que era oferecida aos alunos a chance de aprender de maneira lúdica, planejada e com o atento cuidado da professora regente. Havia o respeito pelas características individuais de cada um, o que corrobora as ideias de Aroeira, Soares e Mendes (1996, p.19) quando as autoras dizem que “O papel do educador será, então, agir no sentido de contribuir para a conquista da autonomia moral, intelectual, social e afetiva da criança, compreendendo-a na sua totalidade”.

Sabemos que nesta fase de ensino, o professor precisa sentir-se seguro com a sua prática e formação para realizar um trabalho que ofereça aos alunos meios de desenvolver suas aptidões e talentos. Assim sendo, muito mais que o afeto, o conhecimento teórico sólido dos processos da aprendizagem infantil fará com que a ação do professor seja ilimitada e auxilie na ampliação dos conhecimentos dos alunos.

É importante referir que esse olhar da educação no que concerne às estratégias na educação infantil se dão por meio de práticas pedagógicas dinâmicas, humanizadas e agregadas a um currículo que contemple o desenvolvimento nos aspectos de ação mediadora nas inter-relações entre a criança e o professor e entre este e seus familiares, atendendo assim sua necessidade no contexto em que está inserida (PIMENTA; LUCENA, 2008).

Corroborando com o exposto, o Art. 29 da LDB nº 9.394 (1996, p.41), afirma que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Tais considerações apresentadas referenciam o trabalho observado da professora regente durante o estágio supervisionado. Percebemos que o embasamento teórico da professora a ajudava a identificar o que a criança já sabia, assim como o que ela estava apta a aprender, buscando uma interdisciplinaridade de conteúdo, ações e do próprio cotidiano da mesma relacionado ao seu contexto familiar.

Seguindo o relato das observações efetuadas, a finalização dos trabalhos diários dava-se por uma canção atrelada a temática desenvolvida no dia de aula, cantada pela própria professora ou tocada no CD Player. Essa prática da professora, de acordo com Godoi (2011, p.8), demonstra que

a música na educação infantil venha a colaborar com o desenvolvimento da criança, almejando que essa não seja apenas uma prática descontextualizada, mas um complemento, um meio para o melhor entendimento e trabalho das muitas atividades

realizadas na educação infantil, que além de desenvolver a sensibilidade musical pode ainda ajudar no desenvolvimento de outras potencialidades da criança.

Atividades extracurriculares na escola estão previstas a acontecerem durante o turno de aula, em horário discriminado em horário exclusivo para as mesmas. São atividades extracurriculares previstas: horta, música, dança, teatro, capoeira, parceria com um curso de idiomas, onde são fomentadas excursões das crianças com comunicação em Português e Inglês a fim de dar continuidade ao desenvolvimento bilíngue iniciado na Educação Infantil.

Além das atividades extracurriculares oferecidas pela escola em período oposto ao das aulas e ou dentro do turno, há programação das aulas-passeio, como visita a Museus, saída para piqueniques temáticos dentro do conteúdo proposto nas aulas, idas ao teatro ou a eventos culturais, passeio pelo bairro onde se localiza a escola e ida a eventos culturais que são programados de acordo com a agenda cultural da região.

Tanto para a Educação Infantil como para o Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), a complementação extracurricular fica a critério dos responsáveis. É desenvolvido um trabalho de colaboração no qual a escola complementa a educação familiar, pois família e escola têm interesse comum no bem-estar do aluno. Além dos encontros coletivos, momentos individuais são agendados com os pais, conforme a necessidade.

Considerando o conceito de prática docente nesse contexto, entendemos que a ação da escola e do professor na sala de aula seja referenciada por conhecimentos plurais que lhes deem autonomia para organizar e reorganizar um trabalho coerente com os princípios da educação infantil, demonstrando efetivamente preocupação com a sua atuação para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Para Freire (1997), uma prática humanizadora, que visa o sujeito histórico e social contribuirá para uma atuação mais adequada, mais amorosa e respeitosa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi construído no sentido de demonstrar as contribuições do estágio supervisionado para a formação do Pedagogo em sua atuação futura, e em específico, na docência de Educação Infantil.

Ao longo desta análise, vimos que diversas práticas vivenciadas na sala de aula da educação infantil, mostram que a professora expressava um saber adquirido tanto pelas suas práxis quanto por seus conhecimentos teóricos, saberes e conhecimentos esses que se acumularam e se consolidaram em torno do ensino para uma educação qualitativa e humanizadora, que contribui significativamente para o desenvolvimento dos alunos.

Na prática todas as atividades vivenciadas no estágio mostraram que a professora, de fato, tem a finalidade de possibilitar uma educação de qualidade legitimando o que está proposto nos documentos oficiais da instituição estagiada, onde o objetivo central é o aluno, sua aprendizagem e o seu desenvolvimento, de acordo com os pressupostos sociointeracionista que é o referencial utilizado.

Participar desse estágio em educação infantil mostrou-nos a importância do aprendizado nas fases iniciais da vida da criança. A forma lúdica de se ensinar conteúdos, aliados perspectivas de intervenção pedagógica, enriqueceram nossos conhecimentos teóricos dessa fase de ensino apreendidos durante o curso de licenciatura, propiciando reflexões de práticas futuras que ainda não haviam sido pensadas e/ou ponderando frente a importância de nosso trabalho futuro como licenciada em Pedagogia.

Outro fator importante é que estágio supervisionado é um fator positivo na formação acadêmica do profissional da educação, haja visto que é possível vivenciar os pressupostos teóricos aplicados na real práxis docente.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L.; SILVA, S. Z. A proposta de estágio como eixo articulador na formação acadêmico-profissional do curso de Pedagogia da FACINTER: síntese de uma década de história. In: Revista Intersaberes. Curitiba, ano 6, n. 12, p.172-186, jul/dez 2011.

AROEIRA, M. L. C.; SOARES, M. I. B.; MENDES, R. E. A. Didática de Pré-Escola - vida criança: Brincar e aprender. São Paulo: FTD, 1996.

BRASIL. Senado Federal. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 maio 2006.

_____. Resolução CNE/CP n. 5, de 13 de dezembro de 2005. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 dez. 2005.

BURIASCO, R. L. C. Ciclo de Palestras sobre Formação e Desenvolvimento Pessoal e Profissional do Professor. Departamento de Educação do Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2002.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário aurélio eletrônico. S.l: Nova Fronteira, 1997.

FIORENTINI, D.; CASTRO, F. C. Tornando-se professor de Matemática: o caso de Allan em prática de ensino e estágio supervisionado. In: FIORENTINI, D. (Org.) Formação de Professores de Matemática – Explorando novos caminhos com outros olhares. 1ª Edição. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia como Ciência da Educação. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, H. C. L. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 5ª Edição. Campinas: Papirus, 1996.

GODOI, L. R. A importância da música na Educação Infantil. 2011, 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

GOMES, M. O. Formação de professores na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2009.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da língua portuguesa. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

IMBERNON, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 2000.

JUNQUEIRA FILHO, G. A. Linguagens Geradoras – seleção e articulação de conteúdos na Educação Infantil. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

OLIVEIRA, Z.R. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo. SP: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G.L.; GUEDIN, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um processo. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA S. G. L.; LUCENA, M. S. Estágio e docência. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 6 ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.